

A PSICANÁLISE COMO SABER AUXILIAR DA PSIQUIATRIA NO INÍCIO DO SÉCULO XX: O PAPEL DE JULIANO MOREIRA¹

Rafael CASTRO (*)

Cristiana FACCHINETTI (**)

Resumo: O artigo apresenta a contribuição de Juliano Moreira (1873-1933) para o processo de institucionalização da psicanálise brasileira. Para atingir este objetivo, descreve-se o processo de institucionalização psiquiátrica local durante o século XIX; em seguida, o artigo se concentra no papel de Juliano Moreira nos embates em prol do organicismo alemão e no seu apoio para a introdução de novas teorias psiquiátricas na "assistência aos alienados". Finalmente, o artigo demonstra a participação de Moreira na introdução da psicanálise como saber auxiliar para a psiquiatria carioca.

Palavras chave: Juliano Moreira; história da psicanálise; história da psiquiatria; Rio de Janeiro; Brasil.

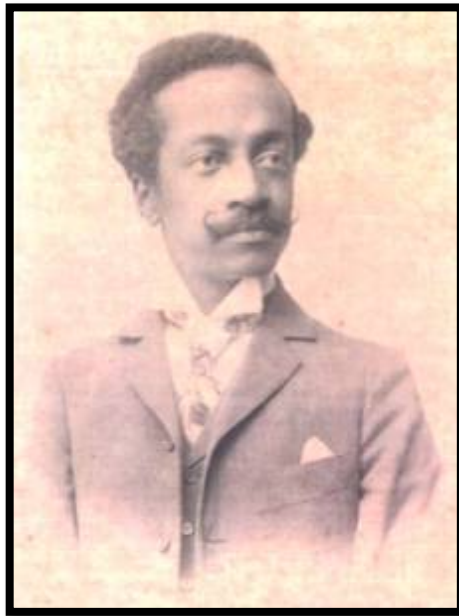
Abstract: The article presents Juliano Moreira's (1873-1933) contribution to Brazilian Psychoanalysis's institutionalization process, at the beginning of the 20th century. Therefore, it describes the local process of psychiatric institutionalization throughout the nineteenth century; then it focuses on the role of Juliano Moreira in his struggle in favor of a new understanding of mental illness as well as his support for the introduction of modern theories and practices to "public mental assistance". Finally, it outlines his valuable input to the practice of Psychoanalysis in Rio de Janeiro – Brazil.

Keywords: Juliano Moreira; history of psychoanalysis; history of psychiatry; Rio de Janeiro; Brazil.

Recibido: 04 de septiembre 2014 / Aceptado: 26 de noviembre de 2014.

(*) Universidade do Estado de Minas Gerais. castro_rd@yahoo.com.br / (**) PPGHCS -COC/FIOCRUZ.
cristianafac2011@gmail.com

¹ Este artigo é parte de um capítulo publicado originalmente em outro idioma: Facchinetti e Castro (2015).



Juliano Moreira (1873-1933)

Fonte: <http://www.cliopsyche.uerj.br/arquivo/juliano.html>

A contribuição do médico Juliano Moreira (1873-1933) para a psiquiatria brasileira é frequentemente ressaltada pela historiografia da área², que enfatiza sua importância para a entrada da psiquiatria organicista no país e para o desenvolvimento e reconhecimento nacional e internacional que a psiquiatria local alcançou na primeira metade do XX. Este artigo busca descrever uma outra importante contribuição de Juliano Moreira, e bem menos desenvolvida pela historiografia: seu papel no processo de *institucionalização*³ da psicanálise no Brasil.

O artigo estrutura-se, basicamente, em três partes: na primeira, descrevemos de modo sucinto o processo de institucionalização da medicina mental no Brasil ao longo do XIX, concretizada no primeiro asilo especializado do país; em seguida descrevemos o papel de Juliano Moreira na modificação da psiquiatria local e seu apoio às novas teorias (neuro)psiquiátricas, especialmente

² Como em Pacheco e Silva (1940); Leme Lopes (1965); Portocarrero (2002); Uchôa (1981); Engel (2005); Vasconcelos (1998); Oda e Dalgalarondo (2000); Oda (2011); Venancio (2005); Jacobina e Gelman (2008).

³ Tomamos o conceito de institucionalização de autores como Figuerôa (1997), Dantes (2001) e Weltman (2008), para quem a institucionalização da ciência no Brasil é pensada como um processo plural que se insere, se difunde e se consolida, não apenas por meio da fundação de institutos de pesquisa. Além deles, considera-se o surgimento de escolas profissionais, academias, disciplinas, faculdades, a formação de sociedades científicas e associações profissionais, a publicação e circulação de periódicos especializados, entre outros.



aquelas de língua germânica. Compreendemos, assim, que essa guinada teórica e sua abertura para as novidades do campo médico-mental foram também responsáveis pelo interesse de Juliano Moreira pela psicanálise. Por fim, tratamos de sua participação no ingresso e na institucionalização da psicanálise no Rio de Janeiro.

A institucionalização da psiquiatria no Brasil do XIX:

O processo de medicalização da loucura iniciou-se no Brasil nos primeiros anos do século XIX (Santos 2012), concretizando-se por meio do Decreto Imperial que previa a construção de um asilo especializado (Brasil 1841) no Rio de Janeiro, então capital do Império, e a inauguração do Hospício Pedro II⁴, em 1852 (Teixeira 1997). Mas foi especialmente a partir de 1881, com a criação da cadeira de Clínica Psiquiátrica e Moléstias Mentais da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (Jacó-Villela et alii 2004) e com a concretização da Assistência aos Alienados em 1890 logo após a República⁵ que o processo se consolidou, convertendo o Rio de Janeiro no epicentro do saber e da difusão do alienismo no país.

Mas apesar de muitos esforços, ao final do século XIX o asilo mantinha uma estrutura sub-medicalizada: seu espaço sempre esteve aquém das necessidades médicas e suas condições de higiene sempre deixaram a desejar. Além disso, o instrumental teórico e terapêutico da “medicina psicológica” não alcançou o estatuto necessário para o reconhecimento da especialidade junto ao resto do campo médico, sendo criticado cada vez mais fortemente por sua falta de cientificidade (Castel 1976, pp. 275-276; Messas 2008, pp. 66-67). As críticas ao novo saber tornavam-se mais dramáticas por se considerar como urgentes mudanças estruturais em uma sociedade marcada pelo pessimismo do final do século. A partir da década de 1880, a teoria da degeneração se tornara hegemônica no país como metáfora de explicação da sociedade (Schwarcz 2005, pp.61). Associada muitas vezes à teoria poligenista, que definia diferentes raças humanas em diferentes patamares evolutivos, o conceito de degeneração passou a ser a chave para o diagnóstico e a previsão dos

⁴ A instituição foi chamada de Hospício Pedro II durante o Império. Com a proclamação da República (1889), passou a denominar-se Hospício Nacional de Alienados e, em 1911, ganhou o nome de Hospital Nacional de Alienados. Em 1927 foi renomeada como Hospital Nacional de Psicopatas (Facchinetti et alii 2010, pp. 532).

⁵ Em 1889 terminava os 67 anos do Império brasileiro (1822-1889), dando lugar à República Federativa do Brasil. Sobre a transição política desse período da história do país, sob uma perspectiva que ressalta a busca pelo estabelecimento de uma identidade brasileira, ver: Schwarcz (2006).

riscos para o processo civilizador da população “mestiça” e “bárbara”, indicando severos limites para a modernização da nação (Oda 2000, pp. 139-140).

Em meio à leva pessimista dos intelectuais, ao longo das primeiras décadas do XX novas soluções começaram a ser buscadas. E foi apoiada nas novas descobertas de Pasteur e nas pesquisas experimentais, em torno de um projeto educativo e profilático, que as respostas para a regeneração da população começaram a ser gestadas (Lima e Hochman 1996, pp. 506). Acompanhando o deslocamento do eixo médico mais amplo⁶, uma parcela dos psiquiatras passou a questionar o conceito racista da degeneração, buscando novas soluções para o tratamento dos doentes e abrindo-se para a busca de uma profilaxia contra a doença mental.

Um desconhecido toma a capital: Juliano Moreira e o Hospício Nacional de Alienados:

Nesse contexto, a Assistência a Alienados foi reorganizada (Brasil 1903). Foi também neste período que José Joaquim Seabra (1855-1942)⁷, então ministro da pasta da Justiça e Negócios Interiores do governo de Rodrigues Alves⁸, nomeou o jovem médico baiano Juliano Moreira para o Hospício Nacional.

Aos 30 anos, Juliano Moreira⁹ era um médico formado fora do círculo mais próximo da capital, na Faculdade da Bahia, em Salvador. Assim, sua entrada na direção do asilo mais importante do país foi em si mesma, uma façanha. O esperado seria que médicos mais renomados nacional e internacionalmente, com experiência na direção de uma instituição daquele porte é que

⁶ A Faculdade de Medicina havia sofrido substantivas reformas educacionais no fim do século XIX. Estas introduziram o ensino prático nas disciplinas médicas e deram lugar para a medicina experimental sob inspiração do modelo germânico (Edler 1996, pp. 284-285).

⁷ José Joaquim Seabra (1855-1942) foi um político e jurista brasileiro. Formado em Direito na Faculdade de Direito do Recife em 1877, se tornou professor catedrático e diretor geral nesta mesma instituição. Atuou como ministro da Justiça e Negócios Interiores durante o governo Rodrigues Alves (Sarmiento 2009, pp. 8).

⁸ Francisco de Paula Rodrigues Alves (1848-1919) foi um advogado e político paulista. Foi presidente do Brasil entre os anos de 1902 e 1906. (Brasil 2013).

⁹ Juliano Moreira nasceu na cidade de Salvador, estado da Bahia, no ano de 1873. Ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia aos 13 anos, graduando-se em 1891, aos 18 anos com a tese *Etiologia da sífilis maligna precoce*. Em 1896, ingressou na mesma faculdade como professor substituto da Seção de Doenças Nervosas, após defender a dissertação *Disquinesias arsenicais*. Nesse período, dedicou-se à dermatologia e à neuropsiquiatria, colaborou nos periódicos *Gazeta Médica da Bahia*, *Revista Médico-Legal* e ajudou na fundação da Sociedade de Medicina Legal da Bahia (Venancio 2001). Ao longo de sua carreira foi reconhecido internacionalmente, atuando em diferentes esferas e instituições: fez parte do Instituto Internacional para o Estudo da Etiologia e Profilaxia das Doenças Mentais, foi membro da Royal-Medical Psychological Association de Londres; e do Comitê Internacional de redação da *Neurologische Blatt*. Foi também citado na revista *Psychiatrisch-Neurologische Wochenschrift* (1910), como um dos proeminentes psiquiatras de todo o mundo (*apud* El-Bainy 2007, pp.19).

tivessem recebido este convite, como Teixeira Brandão¹⁰ ou Márcio Nery¹¹ do então Distrito Federal (Rio de Janeiro), Franco da Rocha¹² de São Paulo ou Nina-Rodrigues¹³ da Bahia. O fato de ser mulato e filho de uma família pobre (Oda e Dalgalarondo 2000, pp. 178), torna sua indicação ainda mais surpreendente.

A oportunidade surgiu, em primeiro lugar, por questões políticas: uma grave crise entre religiosos¹⁴, opinião pública e a direção do Hospício Nacional retirara Teixeira Brandão da direção do hospício e da assistência (1897). A crise política se aprofundou com sua saída, atingindo seu ápice por meio de graves denúncias de irregularidades na instituição, que levaram à instalação de uma comissão de inquérito pelo Ministério da Justiça e Negócios Interiores em fins de 1902, com a consequente demissão do então diretor Antonio Dias Barros (Oda 2011, pp. 723).

Em segundo lugar, havia uma crise teórica. A grande maioria dos médicos brasileiros do período eram seguidores do alienismo francês, sendo difusores da concepção reativa e psicogênica da doença mental (Portocarrero 2002, pp.35). Essa perspectiva teórica, questionada na Europa ainda no XIX (Coffin 2003), apontava a fragilidade do saber psiquiátrico e suas contradições, que o impediam de dar uma racionalidade suficientemente científica – fisiológica – para a loucura poder se fundamentar como doença. A crise teórica ganhou corpo em meio aos “debates acerca da influência da civilização na produção de doenças mentais, a importância da educação, as degenerescências e os diferentes modos de assistência” (Portocarrero 2002, pp.36).

Finalmente, a terceira e não menos importante questão: em 1902 o novo presidente da república, Rodrigues Alves, organizou uma força tarefa para reformar o Distrito Federal de modo a

¹⁰ João Carlos Teixeira Brandão (1854-1921) foi professor catedrático de clínica psiquiátrica e de moléstias nervosas (1883-1921). Foi também diretor do Hospício Nacional e da Assistência Médico-Legal aos Alienados do Distrito Federal (1890-1899), diretor do Pavilhão de Observações, entre 1894-1921, e deputado federal (1904-1907) (Facchinetti e Muñoz 2013, pp. 256).

¹¹ Márcio Nery (1865-1911) foi um médico amazonense do Hospício Nacional e professor de psiquiatria da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Ocupou interinamente tanto a direção do Hospício (1898-1899) quanto a cadeira de clínica psiquiátrica, em substituição a Teixeira Brandão (Facchinetti e Muñoz 2013, pp. 256).

¹² Francisco Franco da Rocha (1864-1930) foi um renomado psiquiatra paulista. Ainda no século XIX concebeu e administrou o Asilo de Alienados do Juquery e sua colônia agrícola em São Paulo (Pacheco Filho e Antunes 2001), a partir de 1901 (Stubbe 2011, pp. 17).

¹³ Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906) foi um dos mais importantes médicos-mentais do país no XIX, sendo também legista, antropólogo-criminal, vindo a ocupar o lugar de adjunto da Cadeira de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da Bahia (1889-1906) (Corrêa 2005-2006, pp. 132).

¹⁴ A Santa Casa da Misericórdia administrou o hospício por todo o período imperial, perdendo, com a entrada da República (1889) a longa luta que se estabeleceu entre os religiosos e os médicos, que demandavam ao estado um tratamento e uma direção laicos no hospital de alienados (Machado et alii 1978). Deste embate participaram também deputados e senadores, bem como jornais de grande circulação (Engel 2001, pp. 256).



torná-lo moderno e higiênico, o que incluiu não apenas mudanças físicas na cidade, mas arregimentou médicos identificados com os trabalhos experimentais e laboratoriais de Louis Pasteur (1822-1895) e Robert Koch (1843-1910) para sanar as epidemias que se alastravam pela cidade (Benchimol 1990). Foi nesse ambiente que Juliano Moreira obteve reconhecimento como aquele que poderia reforçar as iniciativas "modernizadoras" do Estado e ampliar os esforços regeneradores para a assistência pública dos alienados (Venancio 2005, pp.61).

Entre 1895 e 1902, Juliano Moreira fez uma série de viagens à Europa para tratar-se de tuberculose, contraída pela rotina desregrada e pela dedicação intensiva aos estudos (Venancio 2005, pp.61). Nesse período, teve contato com as ideias de Kraepelin (Venancio 2005, pp. 61) e de Freud (Porto-Carrero [1929] 2002), entre outros¹⁵. De volta ao país, visitou as instituições psiquiátricas de todos os estados brasileiros (Jacobina e Gelman 2008, pp. 1078), publicando um panorama da medicina geral e da psiquiatria nacional entre os anos de 1901 e 1902 na *Gazeta Médica da Bahia* (Moreira 1908). Nestes artigos, Juliano Moreira destacava que só havia um único hospital com laboratório em todo o país e fazia um libelo pela ciência experimental, por instituições equipadas com "máquinas do trabalho científico", os laboratórios experimentais, e a favor do ensino médico articulado à pesquisa clínica (Jacobina e Gelman 2008, pp. 1078-1079). Seus artigos foram transcritos em várias outras publicações científicas, fazendo com que Moreira ganhasse maior notoriedade (Peixoto 1933).

Assim, além de servir para contornar os impasses políticos internos entre os médicos do hospício e os da Faculdade de Medicina (Engel 2001, pp. 255-257) por meio da nomeação de um médico baiano fora do epicentro das disputas científicas e políticas do Rio de Janeiro, a indicação adveio da posição científica de Juliano Moreira se afinar com o novo modelo de Estado que se firmara. Em consequência, em 1903, Juliano Moreira foi nomeado para a direção do Hospício Nacional de Alienados, tendo se tornado, posteriormente, Diretor Geral de Assistência a Alienados (1911-1930).

Como grande propagador das "clínicas alemãs" em doenças mentais (Moreira 1910, pp. 376) e liderança de diversos grupos no Brasil é que Juliano conseguiu apoio para reformas na

¹⁵ Na Europa, frequentou também os cursos dos professores Flechsig, Hitzig, Jolly e Krafft-Ebing, assim como cursos de clínica médica de Leyden e Nothnagel, além do de anatomia patológica de Virchow, participando ainda de diversas reuniões e palestras de grandes alienistas. No decorrer de sua estada visitou os principais manicômios e clínicas psiquiátricas da Alemanha, Inglaterra, Escócia, Bélgica, Holanda, Itália, França, Áustria, Suíça etc. (Passos 1975).

assistência e nas instituições do Distrito Federal, expandindo a influência da psiquiatria de língua alemã em solo brasileiro (Facchinetti e Muñoz 2013, pp. 246).

A partir da sua entrada no Hospício, o embasamento teórico e terapêutico começou a ser debatido sob novos parâmetros pelo grupo em torno de Juliano, levando a práticas consideradas pelo grupo como de maior cientificidade, o que, por sua vez, determinou a inserção dessas no sistema de assistência aos alienados. Com o apoio do organicismo, Moreira há um só tempo lutou por desacreditar as teses raciais (Moreira 1905) e climáticas (Moreira e Peixoto 1906) como base etiológica da doença mental e por reafirmar a ciência como fundamental para a regeneração dos cidadãos (Moreira 1922).

Paulatinamente, ele e o grupo por ele formado em seu entorno garantiram a hegemonia da psiquiatria organicista. Afinado a esse discurso e articulado ao movimento sanitaria, que firmava a tese de que a degeneração era decorrente da falta de saúde e educação da população, bem como às redes científicas internacionais, o discurso da profilaxia também ganhou cada vez maior espaço na psiquiatria, especialmente a partir da década de 1920 (Boarini 2003).

A assistência deixou de se voltar apenas para dentro dos hospícios, ampliando-se para todos os “psicopatas, alienados ou não” (Brasil 1927)¹⁶ e multiplicando, assim, as tarefas da psiquiatria (Facchinetti 2001). A ampliação das funções da ciência psiquiátrica foi também responsável pela busca de novas direções teóricas e concepções práticas que pudessem contribuir para educar a população de modo a regenerar o brasileiro e acelerar o progresso do país (Ramos da Silva 1997, pp. 108), permitindo que se adentrasse no patamar das nações civilizadas. Foi dessa forma que alguns psiquiatras da Liga Brasileira de Higiene Mental, incorporados aos diferentes projetos de modernização da nação por meio da construção do brasileiro ideal, incorporaram a teoria psicanalítica ao seu campo, como ferramenta para seus projetos. Tal articulação, da qual Juliano Moreira foi vórtice como Presidente de Honra da Liga, foi resultado de empenhos empreendidos desde a década de 1910, quando muitas das questões tratadas por Freud começaram a se imiscuir nos debates dos psiquiatras cariocas, tanto nos aspectos teóricos quanto práticos.

¹⁶ Em 1927, a Assistência a Alienados passou a ser denominada de Assistência a Psicopatas. O decreto 5138-A de 10 de janeiro de 1927 dispôs sobre profilaxia e higiene, e fez com que os alienistas passassem a ser chamados oficialmente de psiquiatras (Fabrício 2009, pp. 50). O Decreto definia que a Assistência deveria abranger não apenas os alienados, mas todos aqueles em risco de sofrer de desordens mentais (Brasil 1927).

Juliano Moreira e a nova ferramenta da psiquiatria: a psicanálise:

Juliano Moreira é tradicionalmente apontado na historiografia como o primeiro divulgador da psicanálise no Brasil¹⁷. Segundo autores de diferentes períodos, como Porto-Carrero¹⁸, Perestrello¹⁹, Ponte (1999) e Stubbe (2011), “desde 1899 [ele] se ocupava da matéria na sua cátedra da Bahia” (Porto-Carrero [1928] 1934, pp. 26). O que podemos afirmar com o apoio de fontes documentais é que Juliano Moreira foi, de fato, um dos primeiros psiquiatras brasileiros a se debruçar sobre a psicanálise²⁰, sendo esta objeto de estudos e debates desde 1910 na Sociedade por ele fundada²¹. A década de 1910 foi também o período em que a técnica psicanalítica foi introduzida no Hospital Nacional, servindo ainda de base teórico-metodológica para teses de estudantes de medicina.

De acordo com Moreira, a psicanálise vinha conquistando “pouco a pouco novos cultores, não somente na Áustria como ainda na Alemanha, Inglaterra e sobretudo nos Estados Unidos” (Moreira 1920, pp. 366). Deste modo, Juliano afirmava que o Brasil não poderia ficar de fora deste

¹⁷ No Entre guerras, as relações entre a América Latina e a Alemanha foram estreitadas (Sá et alii 2009). A aproximação de médicos teutos e brasileiros fez parte de um processo de internacionalização das ciências e da medicina brasileira e alemã (Birn 2006). No que se refere à psiquiatria do Brasil, Juliano Moreira foi fundamental para esse processo de internacionalização, bem como para a circulação das diferentes teorias de língua alemã. Junto com Franco da Rocha, Durval Marcondes, Julio Porto-Carrero e Antonio Austregésilo, foi um importante vetor na rede que se organizou entre o Brasil e os psicanalistas europeus no Entreguerras. Sobre o tema, ver: Facchinetti e Muñoz 2013, pp.251-252.

¹⁸ Um dos primeiros esforços para demarcar a história da psicanálise foi realizado pelo psiquiatra Julio Pires Porto-Carrero (1887-1937). Considerado grande entusiasta da teoria psicanalítica no período, Porto-Carrero iniciou seus estudos sobre a psicanálise em 1918. Em 1923, tornou-se membro da *Liga Brasileira de Higiene Mental* (tendo sido seu vice-presidente no início da década de 1930) e começou a estudar com afinco a teoria de Freud, tendo, inclusive, iniciado uma Clínica de Psicanálise dentro da *Liga*, em 1926. No ano de 1928, se tornou vice-presidente da seção do Rio de Janeiro da Sociedade Brasileira de Psicanálise, fundada em São Paulo em 1927. Em 1929, tornou-se catedrático de Medicina Legal na Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro, onde divulgava e ensinava amplamente a teoria de Freud (Russo 2005, pp. 133).

¹⁹ Marialzira Perestrello (1916-) foi uma das fundadoras da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (1959 –). Ainda na década de 1940, fez parte da criação do Centro de Estudos Juliano Moreira (1944), fundado por jovens psiquiatras ligados ao Serviço Nacional de Doenças Mentais, insatisfeitos com a psicanálise ensinada na Faculdade de Medicina (Ponte 1999, pp. 80).

²⁰ No ano de 1919, o psiquiatra paulista Franco da Rocha publicou o livro *O pansexualismo na doutrina de Freud*. Anos mais tarde, juntamente com psiquiatra Durval Marcondes, fundou em São Paulo a *Sociedade Brasileira de Psicanálise* (1927), a primeira instituição psicanalítica da América Latina (Pacheco Filho e Antunes, 2001).

²¹ A Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal foi fundada por Juliano Moreira e Afrânio Peixoto, em 1907 (Venancio 2005, pp.62), tendo Juliano Moreira como seu diretor até a data de sua morte. Essa instituição surgiu dois anos após a criação, também por Peixoto e Moreira, do periódico *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins* (1905), primeiro periódico para a divulgação das produções psiquiátricas nacionais (Facchinetti e Muñoz 2013, pp. 247).

movimento. Aos seus esforços iniciais se uniram inicialmente os psiquiatras Antônio Austregésilo (1876-1960)²² e Henrique Roxo²³.

Juliano Moreira afirmava que a demora em se difundir a psicanálise no Brasil devia-se ao fato de que os “colegas, em obediência à lei do menor esforço, aguardam que as ideias e doutrinas passem primeiro pelo filtro francês, para que nos dignemos olhá-las contra a luz” (Moreira 1920, pp. 365). Apontava, deste modo, a forte influência da cultura científica que a França ainda exercia no país, ao mesmo tempo em que nos permite perceber uma das razões pelas quais a psiquiatria no país teria resistido às ideias psicanalíticas, tal como acontecia também entre seus comentadores franceses²⁴. Para suplantar as resistências da psiquiatria local, que até então fizera raras referências a Freud em seus trabalhos, geralmente críticos, Moreira incentivou a introdução deste debate nas reuniões da Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal pelos que começavam a estudar a obra freudiana (Atas 1914, pp. 243).

As reuniões da Sociedade eram realizadas no Hospício Nacional de Alienados, sob a presidência do próprio Juliano Moreira desde a sua fundação. E é neste local em que se vê os primeiros desdobramentos desse investimento. Na seção de 25 de abril de 1914, por exemplo, o pediatra Fernandes Figueira²⁵ apresentou um trabalho em que tratava dos sentimentos mais profundos, aqueles semiapagados no íntimo de seus pequenos pacientes, para então afirmar que estes somente viriam à tona “com a lanterna de mineiro da psicanálise” (Atas 1914, pp. 243). Parecia se difundir, deste modo, uma imagem da teoria de Freud como uma ferramenta importante e eficaz para explorar e descobrir os segredos mais profundos, escondidos conscientemente ou não

²² Antonio Austregésilo, renomado psiquiatra e professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, é considerado um dos fundadores da neurologia brasileira. Foi um importante divulgador das teses freudianas no país, além de ter estimulado muitos de seus alunos a essa prática (Jabur 2001).

²³ Henrique de Britto Belford Roxo (1877-1969) formou-se em Medicina na Faculdade do Rio de Janeiro em 1900. Encontramos referência à teoria psicanalítica já num texto seu de 1916 sobre o *Nervosismo*, onde Roxo afirma que Freud “descreveu um tipo clínico que representa o fundamento da categoria nervosismo, que é a nevrose de angústia” (Roxo 1916, pp. 76).

²⁴ Segundo nos informa Elisabeth Roudinesco, na França, durante a primeira metade do século [XX], a hostilidade científica fez com que os debates acerca da psicanálise se polarizassem, essencialmente, em torno do “pansexualismo’ freudiano” (Roudinesco 1999, pp. 104), tal como ocorreu no país (Sagawa 1992).

²⁵ Nascido no Rio de Janeiro, Antonio Fernandes Figueira (1863-1928) formou-se na Faculdade de Medicina do Rio, em 1887. Em 1903, foi admitido como titular da Academia Nacional de Medicina. Convidado por Oswaldo Cruz entrou para a Saúde Pública, indo dirigir a enfermaria de doenças infecciosas de crianças do Hospital São Sebastião. Foi também idealizador e fundador da Sociedade Brasileira de Pediatria, estabelecida em 1910. Publicou 71 trabalhos médicos – todos baseados na prática da clínica pediátrica (Silva 2008, pp. 20).



pelos pacientes. Sua apresentação recebeu a acolhida e o debate dos membros presentes, entre os quais estavam Moreira, Roxo e Austregésilo.

Quatro meses depois, na sessão da referida Sociedade de 13 de agosto de 1914, foi a vez de Austregésilo se manifestar, “considerando que a psicanálise é um assunto de suma importância que precisa ser estudada entre nós. Propõe que numa próxima seção a Sociedade dela se ocupe relatando cada um dos que dela se dedicam os casos de sua observação, o método a seguir e os resultados apurados” (Atas 1914, pp. 268-269). Na mesma ocasião, Juliano Moreira informava ao grupo que havia desenvolvido um trabalho sobre o tema e que iria utilizá-lo em uma conferência próxima, “na série promovida pela sociedade” (Atas 1914, pp. 268-269), sendo então instado pelo professor Austregésilo que apresentasse ao grupo seu trabalho de modo a promover um debate sobre o tema entre os membros da Sociedade (Atas 1914, pp. 268-269). A apresentação de Juliano teve lugar na sessão seguinte, em 24 de setembro de 1914 (Atas 1914, pp. 275). Infelizmente, esse ensaio de Juliano Moreira não parece ter sido publicado, sendo apenas lido na referida reunião²⁶.

Seis anos depois desse acontecimento, por ocasião da resenha crítica feita a um artigo de Franco da Rocha “*O Pansexualismo na Doutrina de Freud*” (1920), publicado nos jornais causando bastante rebuliço no meio médico²⁷, Juliano Moreira chegou a afirmar que a Sociedade havia pensado em editar, naquela época, “uma revista crítica, que apenas se propunha vulgarizar as ideias do venerado professor de Viena” (Moreira 1920, pp. 366). Entretanto, diante dos cortes orçamentários do governo à época, que incluíram o fim do apoio a revistas já institucionalizadas pela psiquiatria, como os *Archivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria*²⁸, eles haviam se convencido de que esse empreendimento não era indispensável, ainda mais depois que “um interno do professor Austregésilo, o Dr. Genserico Pinto, fez da psicanálise matéria de sua dissertação inaugural” (Moreira 1920, pp. 367)²⁹.

²⁶ Conforme mostrado por Venancio (2005, pp. 66), os pesquisadores não encontraram o acervo pessoal nem muitos dos textos produzidos por Juliano Moreira e comentados por seus pares. Entretanto, no que diz respeito aos seus textos psicanalíticos propriamente, Genserico afirmava em 1914 que Juliano produziu inúmeros textos sobre psicanálise para conferências, mas que apenas uma delas teria de fato ocorrido até aquele momento (*apud* Stubbe 2011, pp. 26).

²⁷ Sobre a repercussão da publicação do livro de Franco da Rocha, conferir: Sagawa (1992); Perestrello (1992).

²⁸ O periódico teve vida longa, e passou por diversas modificações, tendo sido nomeado também *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal* (1907) e *Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria* (1919) (Facchinetti et alii 2010). Através da sociedade e de seu periódico, Moreira agregou uma série de importantes médicos, divulgou seu projeto e estabeleceu redes de cooperação no país, assim como em outros países na América Latina, nos EUA e na Europa (Facchinetti e Muñoz 2013, pp. 247).

²⁹ Os periódicos científicos brasileiros em circulação no período possuíam uma linha comum: sua expectativa e possibilidade de institucionalização. A criação e a manutenção desses periódicos, na maioria das vezes, faziam parte de



Juliano Moreira se referia à tese de Genserico Aragão de Souza Pinto, intitulada *Da psicanálise: a sexualidade nas nevroses*, defendida em dezembro de 1914 e aprovada com distinção³⁰. Tal trabalho, que trazia uma foto de Sigmund Freud na página que antecedia aos agradecimentos (com a legenda “Prof. Dr. Sigmund Freud – Fundador da Psicanálise”), foi orientado por Antonio Austregésilo, a quem Genserico Pinto agradeceu pela “poderosa influência intelectual e pelo conforto moral recebido nesses três felizes anos” (Pinto 1914, pp. 1). Ou seja, desde 1911, Genserico Pinto, sob orientação de Austregésilo, dedicava seus estudos à psicanálise. Nessa mesma parte, Pinto ainda agradecia ao “notável psiquiatra e psicanalista prof. Juliano Moreira, pelo grande interesse que tomou pelo trabalho” (Pinto 1914, pp. 1). A tese, dividida em dez seções, mencionava que as primeiras páginas seriam dedicadas a apresentar aqueles que, no Brasil, se utilizavam dos métodos de Freud: Juliano Moreira, Henrique Roxo, Antonio Austregésilo e Fernandes Figueira. E é o próprio Genserico que nos informa que não havia, entretanto, “por parte desses ilustres cientistas, nenhum estudo impresso sobre o assunto; assim, a nossa tese representa o primeiro trabalho dado à publicidade no Brasil” (Pinto 1914, pp. 7). Para fins deste artigo, a última seção, intitulada “Observações”, é ainda digna de nota: nela o pesquisador apresentou relatos clínicos de casos atendidos com base na teoria freudiana dentro do Hospital Nacional de Alienados. Entre eles está um caso clínico de Juliano Moreira, que apresentamos mais pormenorizadamente a seguir.

Em 1922, foi a vez de Antonio Austregésilo discutir o tema em uma revista de circulação científica. Com o título *Psicanálise nas doenças mentais e nervosas*, o artigo, mais uma vez, falava da resistência à psicanálise pelos psiquiatras locais. Segundo o autor, a psicanálise não havia “logrado da parte dos clínicos brasileiros exercício e sanção, pois esses sentiam um natural embaraço em se apropriar da prática psicanalítica” (Austregésilo 1922, pp. 87). Para o autor isso se daria porque “as coisas aqui são menos fáceis do que nos países anglo-saxões, onde as questões

uma estratégia de consolidação de entidades científicas, tais como institutos de pesquisa e de ensino superior, sociedades científicas e órgãos públicos com atribuições relacionadas a atividades técnicas e/ou científicas. De acordo com Luis Otávio Ferreira, para os diretores dessas instituições, os periódicos se apresentavam como um meio não só de divulgação de atividades, mas também de mobilização de agentes sociais que poderiam ser aliados importantes no esforço de legitimação político-social de suas ações. (Ferreira 2008, pp. 56).

³⁰ Segundo Stubbe (2011, pp. 24), o título do trabalho adveio do título de Freud “A sexualidade na etiologia das neuroses (1898).

sexuais não tem repercussão tão pejorativa nos costumes e nas ideias dos indivíduos como entre nós” (Austregésilo 1922, pp. 105)³¹.

Entretanto, já é possível ver a parcial difusão da psicanálise por entre a medicina mental neste momento, uma vez que Austregésilo também nos deixa saber que os clínicos brasileiros passavam a aceitar mais os estudos psicanalíticos e o método de Freud depois que as comunicações e conferências “feitas por Juliano Moreira, Henrique Roxo, Genserico Pinto, e o signatário desse trabalho”, haviam propagado o novo saber, demonstrando “a orientação aceitativa de que alguns dos maiores práticos neuro-psiquiatras patrícios adquiriram” (Austregésilo 1922, pp. 87). Mas ainda que elogiasse a psicanálise como instrumento de acesso aos “estados anormais” mantidos no inconsciente dos pacientes (Austregésilo 1922, pp. 90), e que teriam suas raízes na sexualidade (Austregésilo 1922, pp. 87), Austregésilo afirmava que o grupo de estudiosos de Freud da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal ainda guardava algumas restrições em relação ao método de Freud. Segundo o autor, o mal da doutrina estava nas fórmulas exclusivas e pessoais com que Freud queria “reformular as noções clássicas a respeito das psico-neuroses” (Austregésilo 1922, pp. 111).

O trabalho de Austregésilo foi comentado por Juliano Moreira, que “saiu em defesa” da psicanálise, dizendo que Freud procurava em alguns trabalhos mostrar que “nas literaturas antigas e modernas havia flagrantes favoráveis às suas ideias” (Moreira *apud* Austregésilo 1922, pp. 114). Afirmava ainda que o grande mérito de Freud teria sido de ter sistematizado um aparato de técnicas e teorias numa perspectiva singular e coerente. Mais ainda, ressaltava, não era “indispensável ser partidário ortodoxo das ideias de Freud para aproveitar-lhes o que elas tenham de aproveitável” (Moreira *apud* Austregésilo 1922, pp. 113). E é justamente como uma ferramenta, com a utilização de apenas parte de seu aparato teórico, que a psicanálise foi paulatinamente integrada às práticas do Hospício Nacional.

A psicanálise na prática clínica: um caso atendido por Juliano Moreira:

³¹ Sobre a questão da resistência à psicanálise no caso específico do Brasil, ver análise de: Stubbe (2011, pp. 48-50); Roudinesco e Plon (1997).

Em sua tese, Genserico Pinto relata a história de um caso atendido por Juliano Moreira, o de Mme. X. Segundo este, a senhora “achava-se gravemente doente, apresentando “vômitos incoercíveis, estado vertiginoso intenso, anorexia absoluta, cefaleia, etc. Era o quadro clínico perfeito do tumor cerebral e tal diagnóstico ainda mais se impunha pela presença de um ‘Wassermann positivo’ no sangue”. Mas Juliano Moreira, “com a argúcia de psicanalista, desconfiou do caráter funcional da doença, e com muita paciência e muita habilidade, conseguiu pôr a descoberto a realidade”.

Eis o fato: Mme. X, embarcara com seu marido para a Europa por motivo de tratamento de saúde. Aí chegados, Mme. X teve de se recolher a um hospital com o fim de sofrer uma operação importante dos órgãos genitais. O marido, assim privado do convívio de sua esposa, resolveu tomar uma amante, fato este que depois de algum tempo chegou ao conhecimento de Mme. X. Esta resolveu então, muito naturalmente, apressar a sua volta ao Rio de Janeiro para assim evitar os desgostos que lhe dava o marido infiel.

A sua rival havia, entretanto, recebido instruções para embarcar no paquete seguinte para a capital do Brasil, onde a esperaria o marido de Mme. X, disposto a reatar os seus amores ilegítimos. O resultado funesto da aventura não se fez esperar; um dia, ao passar de automóvel por uma rua da cidade, ela viu, com horrível surpresa, o marido a conversar em uma esquina com uma mulher, precisamente a mesma que conhecera na Europa, e que tanta dor lhe causara.

Pode-se imaginar então a intensidade do traumatismo; teve apenas força para ordenar ao “chauffeur” que seguisse para casa. Ai chegando, recolheu-se ao leito, muito mal, tendo daí em diante apresentado os sintomas acima referidos.

O professor Juliano Moreira estabeleceu o tratamento psicanalítico e a doente acha-se em via de cura.

O presente caso, no qual apareceu também a amaurose [cegueira]histérica, é verdadeiramente interessante e mostra o grande valor da psicanálise. De fato, se não fosse a orientação freudiana do prof. Moreira, jamais ele poderia, com tanta rapidez e tanta segurança, desvendar a causa e a natureza do mal, mormente em casos como este em que (esqueci-me de dizer-lo) não há nenhum antecedentes histérico (Pinto 1914, pp. 104-106).



O caso aponta para alguns elementos fundamentais da apropriação da psicanálise feita na instituição: do ponto de vista do doente, tratava-se de uma distinta mulher de sociedade, de bom nível cultural e intelectual, o que era então considerado fundamental para permitir uma “análise profunda” (Pinto 1914, pp. 90). Além disso, elementos clássicos da histeria se avolumam, em um relato que nos recorda os primeiros casos de histeria analisados ainda no século XIX por Freud ([1896] 1975): um acontecimento traumático que produz os sintomas somáticos sem que esteja presente qualquer lesão de órgão, como a cegueira do caso; o bolo histérico que impede a alimentação; e mesmo a cirurgia dos órgãos genitais, que embora não factualmente relatada, sugere a insatisfação sexual por parte da mulher. Trata-se, portanto, de uma leitura estabelecida tendo como base a Primeira Tópica freudiana, marcada pela ideia de uma luta entre a consciência e a libido recalçada (Pinto 1914, *apud* Stubbe 2011, pp. 36). Segundo Pinto, por meio da associação livre seria possível trazer os conteúdos latentes para a consciência, permitindo à consciência julgá-los e dar ao sofrimento outro destino que não o sintomático. Fica-se apenas na dúvida se tais conteúdos haviam estado recalçados ou sob censura, uma vez que muitos desses autores consideravam no período que o método de associação livre serviria para fazer o doente confessar os segredos que esconderia deliberadamente (Ponte 1999, pp.56-57).

Mas o método da associação livre não foi o único recorte apropriado pelos brasileiros no período. Especialmente ao longo da década de 1920, com o aumento da importância dada à educação e à saúde, a teoria psicanalítica ganhou maior espaço no campo da prevenção, passando então a colaborar para a modernização da nação.

O protagonismo de Juliano Moreira na fundação da Sociedade Brasileira de Psicanálise, seção Rio de Janeiro:

Após um período de maior desconfiança com relação à psicanálise, finalmente, a resistência parecia ceder junto ao corpo de psiquiatras em torno do Hospício Nacional e à Liga Brasileira (situada no interior da Colônia de Alienados Gustavo Riedel), as maiores instituições para alienados do Distrito Federal no período. Foi justamente neste momento que surgiu a possibilidade de dar um novo passo para a institucionalização da psicanálise no Rio de Janeiro, como nos informa uma nota no jornal carioca *Correio da Manhã*, do dia 06 de junho de 1928:

A convite da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, reuniram-se no Hospital Nacional de Psicopatas alguns psicanalistas desta capital, sob a presidência do prof. Juliano Moreira, para fundar um núcleo de estudos de psicanálise em conexão com aquela sociedade (Editorial 1928, pp. 5).

Com a fundação do núcleo do Rio de Janeiro, a proposta levada por Durval Marcondes e Franco da Rocha³² delimitava as seguintes bases para o funcionamento da Sociedade como um todo:

1 – A sociedade Brasileira de Psicanálise terá sede no Rio de Janeiro e será dividida em seções nos vários estados do Brasil. 2 – Como traço de união, haverá um presidente geral, renovável de dois em dois anos, uma revista que será a continuação da *Revista Brasileira de Psicanálise*, cujo primeiro número já foi publicado pela referida sociedade fundada em São Paulo. 3 – Cada seção terá um presidente regional e será autônoma na sua organização e direção interna. 4 – A organização da revista será feita na sede, para onde será remetido todo o material a publicar. 5 – No caso de ser impressa a revista fora da sede, o secretário da seção onde foi feita a impressão será encarregado da impressão. 6 – Da mensalidade, cada seção destinará certa quantia, a mesma para todas as seções, para o custeio da publicação da revista (Editorial 1928, pp. 5).

Como se pode notar, a Sociedade Brasileira de Psicanálise, fundada em São Paulo em 1927³³, foi recebida por Juliano “com grande alegria”. Ele “congregou todo o pessoal clínico do Hospital” (Marcondes *apud* Sagawa 1992, pp. 89), constituindo ali não somente um núcleo no Rio de Janeiro no ano de 1928 como também transferindo sua sede para tal cidade. Apesar de ter se tornado sede da Sociedade, “Juliano fez questão de que Franco da Rocha continuasse como

³² Para saber mais sobre a sociedade de São Paulo, conferir: Nosek et alii (1994); Oliveira (2001).

³³ No dia 24 de novembro de 1927 realizou-se na cidade de São Paulo a sessão de fundação da Sociedade Brasileira de Psicanálise, a primeira da América Latina (Ponte 1999). Foram eleitos para a primeira diretoria da sociedade: Presidente – Franco da Rocha Vice-presidente – Raul Briquet; secretário – Durval Marcondes; Tesoureiro – Lourenço Filho. O intuito declarado foi de fazer-la constituir-se como “um centro coordenador de estudos e de propaganda dos princípios psicanalíticos nas suas múltiplas aplicações” (Marcondes *apud* Noticiário 1928, pp. 109). Em 1928 foi lançado o primeiro número da *Revista Brasileira de Psicanálise*, único número da revista lançado pela Sociedade. O surgimento do periódico não passou despercebido por Freud, que declarou que “a visão da *Revista Brasileira de Psicanálise* me deu muito prazer” (Freud [1928] 1994, pp. 89), desejando prosperidade à revista, assim como ao grupo.

presidente geral. E ele, Juliano, ficou sendo o presidente da secção lá no Rio” (Marcondes *apud* Sagawa, 1992, pp.89), tendo Porto-Carrero, como vice-presidente (Editorial 1928, pp. 5).

Uma das primeiras iniciativas da Sociedade, assim estabelecida, foi comunicar ao próprio Freud sua fundação. Em resposta a Durval Marcondes, Freud enviaria uma carta com os seguintes dizeres:

Prezado colega, agradeço imensamente seu minucioso relatório sobre os acontecimentos esperançosos no seu país. Dr. Porto-Carrero também me escreveu a respeito e eu repito ao senhor o pedido que enderecei a ele. Gostaria que os senhores elaborassem em conjunto uma exposição sobre estas ocorrências, destinada à *Revista Internacional de Psicanálise* e a enviassem ao presidente Dr. Eitingon, para que assim o interesse para nosso novo grupo brasileiro possa ser despertado (Freud [1928] 1994, pp. 90).

A carta de Freud enviada a Porto-Carrero trazia de fato o mesmo pedido, mas continha mais alguns detalhes:

Quão notável que no distante Brasil nasça de repente um movimento psicanalítico pronto, com divulgação em toda a sociedade e naturalmente também alguma oposição. Esta última não deve faltar. Alegra-me que o senhor reconheça sua necessidade. É como na técnica analítica. Sem a superação de obstáculos, não existe sucesso. E agora um pedido fundamental. É de grande importância para mim, que sua Sociedade logo se sinta em casa na Sociedade Internacional e que esta acompanhe o que ocorre no Brasil. Para este fim, nada pode contribuir melhor do que o senhor redigir um relatório para a Revista, que contenha aproximadamente aquilo que consta das cartas suas e do Dr. Durval Marcondes, como a história da fundação da sua Sociedade, o relacionamento entre os grupos do Rio de São Paulo e sobre os seus esforços na Sociedade. O relatório deve ser enviado ao nosso presidente, Dr. Max Eitingon, naturalmente em francês, se isto lhe é mais cômodo (Freud [1928] 2012).

Após as trocas de cartas com Freud e Eitingon, a Sociedade Brasileira de Psicanálise foi reconhecida pela *International Psychoanalytic Association* (IPA) como “*Study Group*” no ano de 1929. No ano seguinte, Eitingon escreveu para o grupo novamente, pedindo que este buscasse se



organizar nos moldes definidos pelo Congresso de Bad-Homburg de 1925³⁴. O pedido coincidiu com grandes mudanças na estrutura do país no período. Do ponto de vista político, as lutas de poder entre diferentes grupos dominantes foram a regra ao longo da década. Com as crises no governo, a política interna do Distrito Federal foi sofrendo uma troca de posição radical de grupos dominantes e posições políticas. As divergências e disputas foram agravadas pela crise econômica advinda com a quebra da bolsa de Nova York, em outubro de 1929. O final do período de turbulências ficou marcado pelo golpe de Estado que levou Getúlio Vargas³⁵ à presidência em outubro de 1930, deslocando as tradicionais oligarquias do epicentro do poder e instituindo uma nova fase na história política e social brasileira (Ferreira e Pinto 2006, pp.11-12).

No campo da Assistência aos Psicopatas, a sucessão de crises marcou-se pela perda de importantes aliados de Juliano Moreira, como J. J. Seabra. Com o governo Vargas, foi a vez do próprio Juliano Moreira perder seus cargos, no ano de 1930, sendo aposentado compulsoriamente (Pacheco e Silva 2009). Franco da Rocha já tinha também se aposentado (Sagawa 1992, pp. 83). Com as mudanças de ventos e a falta da direção dos presidentes das duas seções da Sociedade, produziu-se nova crise no jovem *Study Group*. Aos poucos, os membros de São Paulo achavam que o reconhecimento pela IPA era fundamental para a sua sobrevivência, adequando seu movimento ao panorama internacional para formação de uma Sociedade própria, sendo Durval Marcondes um dos principais articuladores dessa busca. Já no grupo do Distrito Federal, do qual Juliano Moreira havia sido presidente de Seção, não há uma discussão ou movimentação que sugira o reconhecimento de uma crise em tal Sociedade.

Mais bem posicionado junto ao Estado e utilizando a psicanálise como ferramenta de sua disciplina, o grupo carioca ficou pouco propenso a seguir as orientações da IPA. Em meio ao conflito, as duas sessões se separaram. Apesar da historiografia em geral afirmar que Durval Marcondes teria fechado a sociedade e buscado os meios para trazer didatas estrangeiros para reabri-la nos moldes da IPA (Ponte 1999; Sagawa 1992), há fortes indicações que a sede, no Rio,

³⁴ Naquele congresso foi acordado que a formação psicanalítica, desenvolvida pelo Instituto Psicanalítico de Berlim seria o modelo padrão de formação para todas as sociedades pertencentes à Associação Psicanalítica Internacional, compreendendo a análise didática, o ensino teórico e o trabalho clínico supervisionado. (Ponte 1999, pp. 61-62).

³⁵ Getúlio Dornelles Vargas (1882-1954) foi deputado, ministro da Fazenda e presidente do estado do Rio Grande do Sul antes de se tornar Presidente da República em 1930, após liderar um movimento revolucionário deflagrado naquele mesmo ano. Quatro anos depois, foi eleito indiretamente presidente constitucional, sendo deposto em outubro de 1945, após 15 anos de governo. Voltou ao poder em 1950 e iniciou seu segundo governo em 1951. Diante do acirramento dos conflitos políticos e da possibilidade de ser mais uma vez deposto, pôs fim à própria vida no dia 24 de agosto de 1954 (Ferreira 2006, pp. 1).

continuou a funcionar de acordo com os objetivos iniciais de promoção da psicanálise por meio de palestras e cursos de divulgação (Porto-Carrero 1932), além da tarefa de tradução de trabalhos advindos das *Obras Completas* de Freud (Porto-Carrero 1932).

Somente após o ano de 1944, com a fundação do Centro de Estudos Juliano Moreira³⁶, houve um crescimento da demanda pela formação em psicanálise aos moldes da IPA, aliada também à constituição da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e à ida de médicos brasileiros para o exterior (principalmente para a Argentina e Inglaterra). Este fato despertaria o interesse da Associação Psicanalítica Internacional e de alguns de seus analistas-didatas para vir para o Brasil. Em 1947, o Centro de Estudos Juliano Moreira daria lugar ao Instituto Brasileiro de Psicanálise e, indicados por Ernest Jones (1879-1958) (então presidente da IPA), chegavam ao Rio de Janeiro dois analistas para assumir os encargos do núcleo: Mark Burke, que chega ao Rio em 1948, e Werner Walter Kemper, que chega em 1949 (Facchinetti 2001, pp. 157).

Considerações finais:

Em homenagem póstuma a Juliano Moreira, o psiquiatra Murillo de Campos³⁷ afirmou que Moreira foi o primeiro a realizar, em 1914, uma conferência de divulgação sobre a psicanálise, “demonstrando que não é lícito ao psiquiatra desprezar os seus contingentes, por maiores que sejam as críticas que se lhes façam. A tolerância de Juliano Moreira com a psicanálise não se limitou à iniciativa de sua divulgação: admitiu-a no Hospital Nacional de Psicopatas, como qualquer outro método de diagnóstico e tratamento” (Campos 1933, pp. 8).

Como demonstrado, Juliano Moreira foi importante como divulgador, estudioso e articulador da prática clínica psicanalítica no Distrito Federal. Além disso, foi bastante ativo na fundação da seção Rio de Janeiro da Sociedade Brasileira de Psicanálise, consolidando assim a primeira difusão

³⁶ O Centro de Estudos Juliano Moreira foi fundado por jovens psiquiatras ligados ao Serviço Nacional de Doenças Mentais, insatisfeitos com a psicanálise ensinada na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Foram seus fundadores: José Affonso Netto, Danilo Perestrello, Elso Arruda, Julio Paternostro, Oswaldo Domingues de Moraes e Walderedo Ismael de Oliveira. A esse grupo, se juntarem mais tarde, José Leme Lopes, Souza Vianna, Januário Bittencourt, Mário Pacheco de Almeida Prado e Marialzira Perestrello (Ponte 1999, pp. 80).

³⁷ Murillo de Campos foi um médico psiquiatra encarregado desde 1925 da Clínica Psiquiátrica do Hospital Central do Exército, tornando-se posteriormente livre-docente da Faculdade de Medicina. Fez parte também da geração de psiquiatras que trabalharam sob orientação de Juliano Moreira, no Hospital Nacional de Alienados. Em 1928, Murillo de Campos colaborou na fundação da sede do Rio de Janeiro da Sociedade Brasileira de Psicanálise instalada em São Paulo em 1927, dando continuidade ao seu trabalho de difusão e inserção de tal saber no meio científico carioca até pelo menos o ano de 1935 (Venancio, 2010, 331-332).



da teoria de Freud no meio médico-mental brasileiro. Vale, entretanto, assinalar que conquanto tenha empreendido um importante movimento em favor da difusão da teoria e dos métodos psicanalíticos no país, jamais se autodenominou como psicanalista, nem produziu artigos acadêmicos sobre o tema, deixando claro os limites de seu interesse, de apropriação parcial de seu conteúdo. Tal como ele mesmo propôs, a psicanálise deveria ser compreendida como uma “riquíssima contribuição dos inúmeros discípulos de Freud” e servir para ampliar as ferramentas da psiquiatria, devendo os médicos estudarem-na e a utilizarem de maneira ortodoxa ou não (Moreira 1920, pp. 366).

Referências bibliográficas:

Atas de reunião da Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal (1914), *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neuriatria e Medicina Legal*, ano X, nº 3 e 4.

Austregésilo, A. (1922), “Psicanálise nas doenças mentais e nervosas”, *Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria*, 4 (1-2): 87-114.

Benchimol, J. (1990), *Pereira Passos: um Haussmann tropical. A renovação urbana do Rio de Janeiro no início do século XX* (Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes).

Birn, A-E. (2006), “The national-international nexus in public health: Uruguay and the circulation of child health and welfare policies, 1890-1940”, *História, Ciências, Saúde - Manguinhos* 13 (3): 675-708.

Boarini, M. L. (2003), “Higienismo, eugenia e a naturalização do social” in Boarini, Maria Lúcia (org.), *Higiene e raça como projetos: higienismo e eugenismo no Brasil* (Maringá: EDUEM).



Brasil, "Biblioteca da Presidência da República. Ex-presidentes: Rodrigues Alves". Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/rodrigues-alves>. (Acesso em: 16 dez. 2013).

Brasil, "Decreto nº 82, de 18 de julho de 1841. Fundando um hospital destinado privativamente para tratamento de alienados, com a denominação de Hospício de Pedro II". Disponível em: <http://www.lexml.gov.br/urn/urn:lex:br:federal:decreto:1841-07-18;82>. (Acesso em: 30 out. 2013).

Brasil, "Decreto n. 1.132 de 22 de dezembro de 1903. Organiza a assistência a alienados". Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. (Acesso em: 30 out. 2013).

Brasil, "Decreto n. 5.148-A, de 10 de janeiro de 1927. Reorganiza a Assistência a Psicopatas no Distrito Federal". Disponível em: <http://legis.senado.gov.br/legislacao/DetalhaDocumento.action?id=41859>. (Acesso em: 30 out 2013).

Brasil, "Decreto n. 17.805, de 23 de maio de 1927. Aprova o regulamento para a execução dos serviços para a Assistência a Psicopatas no Distrito Federal". Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-17805-23-maio-1927-499073-publicacaooriginal-1-pe.html>. (Acesso em: 29 out. 2013).

Campos, M. (1933), "O espírito científico de Juliano Moreira". *Jornal Diário de Notícias*, 21 de Maio).

Castel, R. (1976), *L'Ordre Pschyatrique: l'âge d'or de l'aliénisme* (Paris: Minuit).

Coffin, J.-C. (2003), *La transmission de la folie (1850-1914)* (Paris: D'Harmathan).

Corrêa, M. (2005-2006), "Raimundo Nina Rodrigues e a 'garantia da ordem social'", *Revista USP*, 68: 130-139.

Costa, J. F. (1989), *Historia da Psiquiatria No Brasil: um corte ideológico* (Rio de Janeiro: Campus).

Dantes, M. A. M. (2001), *Espaços da ciência no Brasil: 1800-1930* (Rio de Janeiro: Fiocruz).

Dias, R. M. (2011), "Liga Brasileira de Higiene Mental" in: Jacó-Vilela, Ana Maria (org.), *Dicionário Histórico de Instituições de Psicologia no Brasil* (Rio de Janeiro: Imago).

Editorial (1928), "6 de junho de 1928" *Jornal Correio da Manhã*.

Edler, F. C. (1996), "O debate em torno da Medicina Experimental no Segundo Reinado", *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 3 (2): 284-299.

El-Bainy, E. I. (2007), "Juliano Moreira: o mestre, a instituição" (Salvador: Memorial Professor Juliano Moreira). Disponível em: http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/juliano_moreira_mestre_instiuiacao_p1.pdf. (Acesso em: 5 mar. 2013).

Engel, M. G. (2001), *Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1830-1930)* (Rio de Janeiro: Editora Fiocruz).

Estatutos da Liga Brasileira de Higiene Mental (1929), *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, ano 2, nº 1.

Fabício, A. L. da C. (2009), *A assistência psiquiátrica no contexto das políticas públicas de saúde (1930-1945)*. Dissertação (Mestrado). Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz, Rio de Janeiro.

Facchinetti, C. (2001), *Deglutindo Freud: história da digestão do discurso psicanalítico no Brasil 1920-1940*. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Facchinetti, C. (2012), "Psicanálise para Brasileiros: história de sua circulação e sua apropriação no entre-guerras", *Culturas Psi*, 1: 45-62.



Facchinetti, C. & Castro, R. (2015), "Die Psychoanalyse als psychiatrisches Werkzeug: Die Rolle Juliano Moreira (1900-1930)" in Santos-Stubbe, Ch.; Theiss-Abendroth, P. & Stubbe, H. (orgs.), *Psychoanalyse in Brasilien: Historische und aktuelle Erkundungen* (Giessen: Psychosozial-Verlag).

Facchinetti, C.; Cupello, P. & Evangelista, D. F. (2010), "Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins: uma fonte com muita história", *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 17 (2): 527-535.

Facchinetti, C. & Muñoz, P. F. N. (2013), "Emil Kraepelin na ciência psiquiátrica do Rio de Janeiro, 1903-1933", *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* 20 (1): 239-262.

Ferreira, L. O.; Azevedo, N.; Guedes, M. & Cortes, B. (2008), "Institucionalização das ciências, sistema de gênero e produção científica no Brasil", *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 15 (supl.): 43-71.

Ferreira, M. de M. (2006), *Getúlio Vargas: uma memória em disputa* (Rio de Janeiro: CPDOC).

Ferreira, M. de M. & Pinto, S. C. S (2006), *A Crise dos anos 20 e a Revolução de Trinta* (Rio de Janeiro: CPDOC).

Figueirôa, S. F. de M. (1997), *As ciências geológicas no Brasil: uma história social e institucional, 1875-1934* (São Paulo: HUCITEC).

Freud, S. (1975 [1896]), "Zur Ätiologie der Hysterie", *Studienausgabe* (Frankfurt: Fischer).

Freud, S. (1994), "Carta a Durval Marcondes – 27 de junho de 1928" in Nosek, Leopoldo [et al], *Álbum de Família: imagens, fontes e ideias da psicanálise em São Paulo* (São Paulo, Casa do Psicólogo).



Freud, S. (1994), "Carta a Durval Marcondes: 11 de agosto de 1928" in Nosek, Leopoldo [et al] *Álbum de Família*.

Freud, S., "Carta a Porto-Carrero: 24 de julho de 1928". Disponível em: www.revistapiui.estadao.com.br/blogs/questoes-manuscritas/geral/freud-descobre-o-brasil. (Acesso em: 05 jun 2012)

Jabur, F. (2001), "Antonio Austregésilo" in Campos, Regina Helena (ed), *Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil* (Rio de Janeiro: Imago).

Jacobina, R. R. & Gelman, E. A. (2008), "Juliano Moreira e a Gazeta Médica da Bahia", *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* 15 (4): 1077-1097.

Jacó-Vilela, A. M.; Esch, C. F.; Coelho, D. A. M. & Rezende, M. S. (2004), "Os estudos médicos no Brasil no século XIX: contribuições à Psicologia", *Memorandum*, 7.

Leme Lopes, J. (1965), "A psiquiatria e o Velho Hospício", *Jornal Brasileiro de Psiquiatria* 14 (1-2): 117-130.

Lima, N. T. & Hochman, G. (1996), "Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitário da Primeira República", in Maio, M. Ch. & Santos, R. (orgs.), *Raça, Ciência e Sociedade* (Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; CCBB)

Machado, R.; Loureiro, Â.; Luz, R. & Muricy, K. (1978), *Danação da norma: a medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. (Rio de Janeiro: Edições Graal).

Messas, G. P. (2008), "O espírito das leis e as leis do espírito", *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 15: 65-98.



Montero, J. C. (2008), *O sujeito do fim da análise. Um novo sujeito?* Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Moreira, J. (1905), "Notícia sobre a evolução da assistência a alienados no Brasil e reformas efetuadas no Hospício de Alienados no Rio de Janeiro", *Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Sciencias Affins*, ano 1, nº 1.

Moreira, J. (1908), "Ligeira vista sobre a evolução da assistência a alienados na Alemannha, a Clínica Psiquiátrica de Munique", *Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Medicina Legal* 4 (1-2): 172-186.

Moreira, J. (1910), "Quais os melhores meios de assistência aos alienados?", *Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Medicina Legal* 6 (3-4): 373-396.

Moreira, J. (1920), "O pan-sexualismo na doutrina de Freud, pelo Prof. Franco da Rocha", *Brazil Medico*, ano 34, nº23.

Moreira, J. (1922), "A luta contra as degenerações nervosas e mentais no Brasil (comunicação apresentada no Congresso Nacional dos Práticos)", *Brasil Médico* 2: 225-226.

Moreira, J. & Peixoto, A. (1906), "Les maladies mentales dans lês climats tropicaux", *Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Sciencias Affins* 2 (1): 222-241.

Nosek, L. [et al] (1994), *Álbum de Família: imagens, fontes e ideias da psicanálise em São Paulo* (São Paulo, Casa do Psicólogo).

Noticiário (1928), "Sessão de Fundação da Sociedade Brasileira de Psicanálise - 24.11.1927", *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, v. 1, nº 1.



Oda, A. M. G. R. (2000), "Nina Rodrigues e a loucura epidêmica de Canudos", *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* 3(2): 139-144.

Oda, A. M. G. R. (2011), "Juliano Moreira e a (sua) história da assistência aos alienados no Brasil", *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* 14 (4): 721-727.

Oda, A. M. G. R. & Dalgarrondo, P. (2000), "Juliano Moreira: um psiquiatra negro frente ao racismo científico", *Revista Brasileira de Psiquiatria* 22 (4): 178-179.

Oliveira, C. L. M. V. (2001), *L'implantation du mouvement psychanalytique à São Paulo*. Tese (Doutorado). Université Paris VII – Denis Diderot, Paris – França.

Pacheco e Silva, A. C. (1940), "Assistência a psicopatas no Brasil" in Ribeiro, Leonídio (ed.). *Medicina no Brasil* (Rio de Janeiro: Imprensa Nacional).

Pacheco e Silva, A. C. (2009), "A proteção aos insanos no Segundo Reinado", *Revista de Psiquiatria Clínica* 36 (5):208-15. Disponível em: www.revistas.uspp.br/rpc/article/download/17223/19234

Pacheco Filho, R. & Antunes, M. A. (2001), "Francisco Franco da Rocha" in Campos, Regina Helena (ed) *Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil* (Rio de Janeiro: Imago).

Passos, A. (1975), *Juliano Moreira (vida e obra)* (Rio de Janeiro: Livraria São José).

Peixoto, A. (1933), "A memória de Juliano Moreira: fundador e presidente da Academia", *Anais da Academia Brasileira de Ciências* 5 (2):81-97.

Perestrello, M. (1992), "Primeiros encontros com a psicanálise no Brasil (1899-1937) – Os precursores do Movimento psicanalítico" in Perestrello, M., *Encontros: psicanálise* (Rio de Janeiro: Imago).

Pinto, G. A. (1914), *Da psicoanalise: a sexualidade das neuroses* (Rio de Janeiro: Faculdade de Medicina).

Plotkin, M. B. (2009), "Psicoanálisis y habitus nacional: un enfoque comparativo de la recepción del psicoanálisis en Argentina y Brasil (1910-1950)", *Memoria y Sociedad* 13 (27).

Ponte, C. F. (1999), *Médicos, psicanalistas e loucos: uma contribuição à história da psicanálise no Brasil*. Dissertação (Mestrado). ENSP/Fiocruz, Rio de Janeiro.

Porto-Carrero, J. (1929 [1926]), "A psicanálise na Liga Brasileira de Higiene Mental" in Porto-Carrero, Julio *Ensaio de Psicanálise* (Rio de Janeiro, Flores & Mano).

Porto-Carrero, J. (1932), *Carta a Arthur Ramos – 3/01/1932* (Fundo Biblioteca Nacional, Manuscrito da Coleção Arthur Ramos).

Porto-Carrero, J. (1934 [1928]), "Conceito e história da psicanálise" in Porto-Carrero, Julio *Ensaio de Psicanálise* (Rio de Janeiro, Flores & Mano).

Porto-Carrero, J. (2002 [1929]), "A contribuição brasileira à psicanálise". *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* 5(3): 154-157.

Portocarrero, V. (2002), *Arquivos da loucura: Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria* (Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ).

Ramos da Silva, A. (1997), "A criação brasileira, futuro da nação: infância, educação e higiene mental na Primeira República", *Cadernos do IPUB*, nº 8.

Reis, J. R. F. (1994), *Higiene mental e eugenia: o projeto de "regeneração nacional" da Liga Brasileira de Higiene Mental (1920-30)*. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Rocha, F. da (1920), *O pansexualismo na doutrina de Freud* (São Paulo: Typographia Brasil de Rothschild & Cia).

Roudinesco, E. (1999), *Pourquoi la psychanalyse?* (Paris: Fayard).

Roudinesco, E. & Plon, M. (1997), *Dictionnaire de la psychanalyse* (Paris: Fayard).

Roxo, H. (1916), "Nervosismo", *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria Neurologia e Medicina Legal*, nº 1.

Russo, J. (2005), "Julio Porto-Carrero: a psicanálise enquanto processo civilizador" in Russo, J.; Dias Duarte, L. F. & Venancio, A (orgs.), *Psicologização no Brasil: atores e autores* (Rio de Janeiro: Contracapa).

Sá, M. R.; Benchimol, J.; Kropf, S.; Viana, L. & Silva, A. F. C. (2009), "Medicine, science, and power: relations between France, Germany, and Brazil during 1919-1942", *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 16, nº 1.

Sagawa, R. (1992), "Durval Marcondes e o movimento psicanalítico" in Sagawa, R. *Redescobrir as psicanálises* (São Paulo: Lemos Editorial).

Sarmiento, S. N. (2009), *A raposa e a águia: J.J. Seabra e Rui Barbosa na política baiana da Primeira República*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Schwarcz, L. M. (2006), "A mestizo and tropical country: the creation of the official image of independent Brazil". *Revista Europea de Estudios Latinoamericanos y del Caribe* 80: 25-42.

Schwarcz, L. M. (2004), *Espetáculo das raças: cientistas, instituições e a questão racial no Brasil – 1870-1930* (São Paulo, Companhia das Letras).



Silva, R. P. (2008), *Medicina, educação e psiquiatria para a infância: o Pavilhão-Escola Bourneville no início do século XX*. Dissertação (Mestrado). Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro.

Silva, S. S. de A. (2012), *Iluminismo e ciência luso-brasileira: uma semiologia das doenças nervosas no período joanino*. Tese (Doutorado). Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, Rio de Janeiro.

Stubbe, H. (2011), *Sigmund Freud in den Tropen. Die erste psychoanalytische Dissertation in der portugiesischsprachigen Welt (1914)* (Aachen: Shaker).

Teixeira, M. O. (1997), "O nascimento da psiquiatria no Brasil", *Cadernos IPUB* 8: 42-78.

Telles, E. (2004), *Race in another America: the significance of skin color in Brazil* (Princeton, Oxford: Princeton University Press).

Uchoa, D. M. (1981), *Organização da Psiquiatria no Brasil* (São Paulo: Sarvier).

Vasconcellos, M. de F. V. (1998), *Mestre Juliano: o fundador da psiquiatria no Brasil*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Venancio, A. T. (2005), "As faces de Juliano Moreira: luzes e sombras sobre seu acervo pessoal e suas publicações", *Estudos Históricos* 36: 59-73.

Venancio, A. T. (2010), "Classifying differences: the dementia praecox and schizophrenia categories used by Brazilian psychiatrists in the 1920s", *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* 17 (supl.2).

Venancio, A. T. (2001), "Juliano Moreira" in Campos, Regina Helena (ed), *Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil* (Rio de Janeiro: Imago).

Venancio, A. T. & Facchinetti, C. (2005), "'Gentes provindas de outras terras' – ciência psiquiátrica, imigração e nação brasileira", *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* 8 (2).

Weltman, W. L. (2008), *A Educação do Jeca: ciência, divulgação científica e agropecuária na Revista Chácaras e Quintais - 1909-1948*. Tese (Doutorado). Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ, Rio de Janeiro.